

# Estiveste no inferno e saíste

— Presidente Samora Machel ao receber a cidadã portuguesa que fora raptada pelos bandidos armados

## Serviço da AIM

O Presidente Samora Machel recebeu, ao fim da tarde de quarta-feira, a cidadã portuguesa Celeste Lemos, que em Maio deste ano fora raptada por bandidos armados na zona da Namacha. Celeste Lemos pediu o encontro para, na pessoa do Presidente Samora, agradecer o empenho das autoridades moçambicanas na sua libertação.

A Sra. Celeste Lemos mal conseguiu conter as lágrimas quando Samora Machel a envolveu num prolongado abraço, à entrada do seu gabinete de trabalho.

Muito obrigado Senhor Presidente; não sei o que hei-de dizer, disse Celeste Lemos enquanto Samora a confortava, incentivando-a a ter coragem e declarando-se muito contente por a ver sã e salva.

Tu estiveste no inferno e saíste do inferno. Posso imaginar o que passaste no meio dos bandidos, no meio desses selvagens, disse Samora. E repetiu: Estamos muito contentes por estares viva.

Ainda em pé, abraçada ao Presidente, Celeste Lemos contou que o seu desespero chegara a tal ponto que pediu aos bandidos para darem um tiro no seu filho (raptado também na mesma altura) para que ele não continuasse a sofrer.

Com a Sra. Lemos estava Odete Pereira, do grupo Entrepasto, madrinha de Cláudia, a filha de Celeste Lemos que escapou ao rapto, e que esteve em permanente contacto com as autoridades moçambicanas enquanto se desenrolava todo o drama da família Lemos.

O Presidente deu as mãos às duas senhoras e sentou-se entre elas num dos sofás do seu gabinete. Aí, Samora Machel ouviu atentamente a história de Celeste Lemos durante quase uma hora, interrompendo ocasionalmente para ligar os factos por ela vividos a outros relativos à acção dos bandidos armados.

A Sra. Lemos foi raptada no dia 15 de Maio deste ano com os seus filhos, Jorge (15 anos) e Rui (14) e ainda Carla Costa Fernandes de 11 anos de idade, perto de Goba. Celeste Lemos vinha da Suazilândia, quando o seu carro, e atrás, noutro carro, vinha Vitorino Martins, que trazia a sua filha Cláudia e uma outra criança de nome Mónica (9 anos). Por volta das 17 horas, os dois carros foram interceptados por bandidos armados e os seus passageiros raptados. Porém, Vitorino Martins e as crianças Cláudia e Mónica, conseguiram fugir quando soldados do nosso exército abriram fogo a uma certa distância, na estrada, após se terem apercebido de que algo errado se passava.

Celeste Lemos descreveu um dos seus raptadores como tendo uma bazuca e um lenço vermelho à volta do pescoço. Levados para o mato, Celeste Lemos, Rui, Jorge e Carla, ainda ouviram a voz de Cláudia a gritar não me matem, facto que levou sua mãe a supor, durante todo o período de cativeiro, que a tinham morto.

Após andarem toda a noite, e terem retomado a marcha às 14 horas do dia seguinte, os bandidos, 20 ao todo, embrenharam-se com os seus reféns por uma zona de capim alto; Celeste

Lemos pensou que chegara o momento de serem mortos, mas tratava-se de uma tática para não deixarem rasto.

Já num acampamento, com cerca de 70 bandidos, um indivíduo que se intitulava chefe do grupo, disse a Celeste Lemos que não queríamos ninguém nas estradas. Num outro acampamento, o mesmo ser-lhe-ia dado por um tal Mário, a quem os restantes bandidos tratavam por «general». Disse ele: Antes só atacávamos tudo que pertencesse ao Governo de Machel, mas a partir do ano passado atacamos todos os carros civis,



Um momento do encontro entre o Presidente Samora Machel e a cidadã portuguesa, Celeste Lemos

Celeste Lemos soube posteriormente que este indivíduo do nome Mário treinara na Rodésia.

Celeste Lemos e as crianças passaram por vários acampamentos, muitas vezes acompanhados por bandidos que falavam mal o português ou falavam melhor o Inglês. Num dos acampamentos que os bandidos chamavam de «base central» os quatro cativos ficaram durante um período prolongado, restringidos a um local pouco maior que uma sala normal.

Poucos dias após o rapto, os seus corpos estavam infesta-

dos de carraças (de gado) pequeninas e vermelhas, e a fome era uma companhia constante. Um dia, conta a Sra. Celeste, quando lhes trouxeram um pouco de pão, os seus dois filhos começaram a lutar por ver qual deles ficava com o pão. A sua alimentação, muitas vezes uma única por dia, era à base de farinha de milho e mapira, e por leite tinham o chá ou, raramente, uma esteira para os quatro.

Alguns dias após o rapto, Celeste Lemos ouviu numa emissora estrangeira notícia do seu caso, o que a levou a pensar que o Governo português se envolvia numa tentativa para a libertar. Acrescentou que quase todos os bandidos que viu tinham rádios roubados às populações e que ouviam regularmente a BBC, Voz da América, RSA e a Rádio França Internacional. Tinham também relógios igualmente roubados às populações.

A sua primeira conclusão sobre o seu rapto foi a de que os bandidos estavam a querer que o Governo português os reconhecesse. Entretanto os dias passaram-se e ela não ouviu mais nada sobre o assunto, limitando-se a ouvir os chefe dos bandidos que se o Governo português não agisse, ela e as crianças poderiam ficar cativas um ano ou mais.

Dia 19 de Junho, as FPLM lançaram ataques a bandidos na zona, tendo-se incendiado parte da floresta, o que causou graves preocupações à senhora e crianças, pois o calor do fogo atingia o acampamento onde estavam detidos. Três dias depois partiram dali para um outro acampamento, onde comeram alguma carne. Celeste disse que os bandidos costumam matar seis a sete cabeças de gado por semana, gado igualmente roubado na área.

Disse que uma das coisas que mais a afligia, para além das dores permanentes do corpo, era a água. Tinha medo de a beber, pois na mesma água os bandidos lavavam a roupa ou carne de boi, tomavam banho e depois bebiam essa água que ela descreveu como sendo verde.

Já depois do fim de Junho, os seus raptadores receberam ordens, via rádio, para libertarem os quatro reféns. Nesta altura já o seu filho mais novo tinha que ser transportado numa padiça.

No entanto, a sua libertação deu-se apenas a 18 de Agosto. Os bandidos levaram Celeste e as crianças para junto de duas montanhas para lá das quais ficava o território sul-africano. Depois de subirem a primeira montanha, pedregosa, e que provocou dores agudíssimas nos quatro cativos, chegaram à segunda, mais fácil de transpor, até que finalmente pararam junto à vedação que seara os dois países.

Os bandidos fizeram um buraco na vedação, quatro deles passaram para o outro lado com Celeste e as crianças, após o que os abandonaram na terra de ninguém.

Abandonados na montanha, já em território sul-africano, e com a noite por companhia, dormiram ao relento. Na manhã seguinte acordaram com o som de tambores. Meteram-se por uma

picada até que foram vistos por um homem negro e três mulheres que ficaram espantadíssimos ao verem quatro brancos esfarrapados e com o terror estampado nas caras. Indicaram-lhes um caminho até uma aldeia onde havia uma escola.

Gostava de voltar lá a essa escola, disse Celeste Lemos. Fomos tão acarinhados por aqueles africanos, sentimos tanto amor da parte deles.

Celeste Lemos descreveu aquilo que lhes parecia um sonho após meses de sofrimento e horror.

Uma senhora de cerca de 50 anos de idade, que era a directora da escola, serviu-lhes comida boa, incluindo leite, e todos os habitantes locais começaram a quozizar-se para ajudar os quatro reféns. Conseguiram arranjar, ao todo, dez randes. Os que não tinham dinheiro deram laranjas ou pacotes de bolachas. E todos zaram para que os quatro ficassem rapidamente bons de saúde.

Contactada a polícia por o pessoal da escola, foram levados para Komatipoort de onde foram transportados de helicóptero para um hospital em Pretória. Foi aqui que tomaram banho pela primeira vez em quase quatro meses.

Três médicos tomaram conta de Celeste e das crianças. Os médicos, recorda a Sra. Lemos, receavam que os quatro tivessem coiera, uma das crianças tinha má-aria e disenteria. Celeste recebeu três litros e meio de soro. Sobre o tratamento recebido no hospital de Pretória, Celeste Lemos teve palavras de grande apreço, particularmente em relação aos três médicos que a trataram a si e às crianças.

Quando já estavam um pouco recompostos, foram visitados por pessoal diplomático português. A Celeste Lemos, foi dito que o Governo português pagaria as passagens dos quatro para Portugal. Com a voz denotando alguma amargura, Celeste Lemos contou que quando disse que o que queria era voltar para Moçambique — onde vive desde 1958 — foi-lhe dito que nessas condições o Governo português se desligava do caso. Recordou também, comovida, que foram senhoras da comunidade portuguesa em Pretória que ofereceram roupa nova aos quatro e que foram as autoridades sul-africanas que pagaram os bilhetes de voo para Nelspruit, pequena cidade no Leste do Transvaal, onde os filhos de Celeste Lemos frequentam o ensino secundário. As entidades consulares portuguesas em Pretória ficaram à margem de tudo isto, salvo um contacto com o director da escola em Nelspruit que se prontificou a solucionar o problema de as crianças terem perdido um período inteiro de aulas.

Passados uns dias, um médico com patente de brigadeiro pediu a Celeste Lemos que recebesse alguns jornalistas. Tinha-se de desmentir uma notícia saída num jornal de Joanesburgo, segundo a qual um helicóptero teria ido até dent o de Moçambique buscar os reféns. Celeste Lemos acedeu e o caso ficou esclarecido para que segundo as palavras do relatório brádero, não viesse a haver problemas com o Governo moçambicano em torno deste rapto.

Já no fim do encontro, Celeste Lemos voltou a agradecer ao Presidente Samora os esforços das autoridades moçambicanas e a repetir que não tenho nada em Portugal ao que Samora Machel retorquiu: Esta é a tua terra, tua e dos teus filhos. (AIM)

6. 9. 85